Anarquia é Ordem: movimentos anarquistas como políticas construtivas

ANARCHY IS ORDER: ANARCHIST MOVEMENTS AS CONSTRUCTIVE POLITICS *

Resumo Nos últimos anos, as manifestações dramáticas de anarquistas durante fóruns econômicos globais e convenções de partidos políticos têm obtido muita atenção da mídia. Infelizmente, além das abordagens largamente sensacionalistas desses meios de comunicação, que descrevem anarquistas como encrenqueiros violentos, muito pouco se sabe sobre quem eles são, o que pensam ou a que suas políticas realmente dizem respeito, deixando obscurecidas as atividades de um grande e crescente movimento contemporâneo. As práticas construtivas desenvolvidas diariamente pelos ativistas anarquistas à procura de um mundo livre da violência, da opressão e da exploração perdem-se em abordagens sensacionalistas. O exame de alguns desses projetos anarquistas construtivos proporciona uma compreensão de tentativas do mundo real de desenvolver relações sociais pacíficas e criativas no aqui e agora da vida diária. Apesar da associação feita pela mídia entre anarquismo e violência, iniciativas anarquistas contemporâneas têm se dirigido basicamente à mudança social pacífica por meio da construção de novas comunidades e instituições.

Palavras-chave ANARQUISMO – MOVIMENTOS ANARQUISTAS – POLÍTICA – POLÍTICAS CONSTRUTIVISTAS.

Abstract Over the last few years the dramatic actions of anarchists demonstrating during global economic summits and political party conventions have gathered much media attention. Unfortunately, beyond the largely sensationalistic media accounts, which depict anarchists as violent trouble-makers, very little is known about who anarchists are, what they think, or what their politics actually involve, leaving the activities of a major, and growing, contemporary movement obscured. Lost in sensationalist accounts are the constructive practices undertaken daily by anarchist activists seeking a world free from violence, oppression and exploitation. An examination of some of these constructive anarchist projects provides insights into real world attempts to develop peaceful and creative social relations in the here and now of everyday life. Despite the media portrayals, which associate anarchism and violence, contemporary anarchist initiatives have been primarily directed towards peaceful social change by building new communities and institutions.

Keywords ANARCHISM – ANARCHIST MOVEMENTS – POLITICS – CONSTRUCTIVE POLITICS.

JEFFREY ARNOLD SHANTZ
York University, Toronto/CA
blackred_eye@hotmail.com

* Tradução para o português: NUNO COIMBRA MESQUITA.

A burguesia pode destruir e estragar seu próprio mundo antes de deixar o estágio da história. Mas nós carregamos um novo mundo em nossos corações.

BUENAVENTURA DURRUTI

O fantasma do anarquismo voltou a assombrar os sonhos de globalizadores estatais e capitalistas. Considerado por muitos da esquerda e da direita como um movimento político fracassado, ele teria sido dado como morto nas chamas da Revolução Espanhola. Nos últimos seis anos, entretanto, as manifestações dramáticas de anarquistas do lado de fora dos fóruns econômicos globais e das convenções de partidos políticos revelam-no um movimento vital e crescente.

Ao mesmo tempo, as ações atribuídas aos chamados anarquistas "bloco negro" em fóruns capitalistas globais, desde os encontros da Organização Mundial do Comércio (OMC) de 1999, em Seattle, têm sido alvo de sensacionalismo pela mídia *mainstream* para construir um pânico moral sobre o anarquismo. Da mesma forma, o ataque policial a anarquistas, incluindo spray de pimenta, gás lacrimogêneo, balas de borracha, prisões em massa, além de vários tiroteios e até algumas mortes, sugerem fortemente, ao público em geral, que eles devem ser temidos.

Infelizmente, além das abordagens sensacionalistas da mídia, descrevendo os anarquistas como encrenqueiros violentos, muito pouco se sabe sobre quem eles de fato são, o que pensam e a que suas políticas realmente dizem respeito. Esses movimentos radicais e "*underground*" permanecem largamente ignorados por sociólogos, apesar de, nos últimos anos, alguns autores terem se debruçado sobre o significado de manifestações recentes de resistência ao capital global. A ausência de análises razoáveis de políticas anarquistas tem significado que as reais práticas e intenções de um movimento contemporâneo grande e crescente permanecem obscurecidas. As práticas construtivas desenvolvidas diariamente pelos ativistas anarquistas, procurando um mundo livre da violência, opressão e exploração, perdem-se em abordagens sensacionalistas. O exame de alguns desses projetos anarquistas construtivos proporciona uma compreensão de tentativas do mundo real de estabelecer relações sociais pacíficas e criativas no aqui e agora da vida cotidiana.

ANARQUISMO E IMAGENS DE VIOLÊNCIA

Dada a sua longa história de conflitos diretos com proponentes de Estado e de capital, não é surpresa que anarquistas contemporâneos tenham sido alvejados por autoridades estatais. Imagens impressionantes dessa história permanecem nas caricaturas de "atiradores de bombas" em seus sobretudos pretos, que começaram a ganhar notoriedade na virada do século XIX para o XX. Romances como o *The Secret Agent* (*O Agente*

Secreto), de Conrad, e *The Bomb* (*A Bomba*), de Harris, mantiveram vivo o caráter do fanatismo, enquanto, mais recentemente, o Unabomber sugeriu seu retorno. Na imaginação popular, o fantasma da anarquia ainda invoca noções de violência, caos e destruição e o colapso da civilização.[1]

Evidentemente, poucos anarquistas chegaram alguma vez a se envolver com o terrorismo ou a defender a violência. A caracterização surge largamente de poucos atentados à bomba e assassinatos impressionantes, resultado do desespero da década de 90 do século XIX.[2] O anarquismo contou certamente com assassinos e fazedores de bomba, figuras como Ravachol e Emile Henry, no século XIX, e Leon Czolgosz, que matou o presidente estadunidense McKinley, em 1901. Alguns anarquistas contemporâneos escolheram personificar essa imagem, vestindo-se inteiramente de preto e imprimindo fanzines com títulos como "The Blast" (O Estouro)[3] e "Agent 2771" (Agente 2771).[4]

Apesar da força das imagens violentas, o anarquismo possui tradição pacífica.[5] Textos de anarquistas, como Godwin, Proudhon, Kropotkin e Tolstoi, são movidos por sentimentos de mutualismo, sociabilidade, afinidade e afeição. Iniciativas anarquistas caminham basicamente na direção da construção de novas comunidades e instituições. A história do anarquismo mostra, na verdade, seus ativistas como vítimas da violência política. Como observa Marshall, eles aparecem "como uma juventude frágil atropelada por multidões de fascistas e comunistas autoritários".[6] Isso não é surpresa, já que os anarquistas questionam a própria legitimidade de instituições autoritárias como o Estado. Ainda segundo Marshall, as implicações radicais do anarquismo não têm sido desperdiçadas em governantes (da esquerda ou da direita) ou em governados, "enchendo os governantes de medo, já que podem se tornar obsoletos, dando esperança aos desapossados e àqueles que refletem, uma vez que são capazes de imaginar um tempo em que poderão ser livres para governar a si mesmos".[7]

Essa história de conflito e criminalização explica, pelo menos parcialmente, por que criminologistas têm estado muito à frente de sociólogos, ao prestar atenção às atividades anarquistas. Ademais, é preciso considerar o legado do marxismo,[8] que, desde o começo, manifestou seu desgosto pelo sabor crítico da ação direta anarquista e sua propaganda. Como resultado, a sociologia vem excluindo largamente movimentos, políticas e análises anarquistas de sua vasta gama de trabalhos em movimentos sociais.

Anarquia é Ordem

A palavra *anarquia – anarchos*, do grego antigo – significa simplesmente *sem um governante*.[9] Ao invés da incursão na guerra de todos contra todos, de Hobbes, a sociedade sem governo sugere aos anarquistas a possibilidade de relações humanas criativas e pacíficas. Proudhon resumiu a posição anarquista em seu famoso slogan "Anarquia é Ordem".[10] Os anarquistas não sugerem somente que governos e leis são desnecessários à preservação da ordem, mas também que eles, na verdade, impedem a paz social, ao manter os conflitos da desigualdade e da hierarquia.

A primeira filosofia política sistemática que poderia ser chamada de anarquista é geralmente

[1] MARSHALL, 1993.

[2] *Ibid*.

[3] Tirado do título do jornal de Alexander Berkman, da década de 10, foi adotado por anarquistas contemporâneos em Minessota, para o seu próprio jornal.

[4] Esse era o codinome usado pelo assassino e terrorista Sergei Nechaev, colega de Bakunin e autor do notório *Catechism of a Revolutionary* (Catequese de um Revolucionário). Nechaev, que não era anarquista, foi a fonte da personagem de Dostoievski, Peter Verkhovensky, em *The Possessed* (O Possuído).

[5] WOODCOCK, 1962; BOOKCHIN, 1995; EHRLICH, 1996 ("Introduction to reinventing anarchist tactics", p. 329-330; "How to get from here to there: building revolutionary transfer culture", p. 331-349; e "How to get from here to there: building revolutionary transfer culture", p. 331-349).

[6] MARSHALL, 1993, p. IX.

[7] *Ibid*., p. IX.

[8] Vale lembrar as trezentas e tantas páginas de *A Ideologia Alemã*, em que Marx dedicou-se largamente a ataques pessoais contra o proto-anarquista Stirner, ou a sua condenação feroz de Proudhon, em *A Pobreza da Filosofia*. Talvez o exemplo mais dramático continue sendo a sabotagem de Marx da Primeira Internacional, para deixá-la fora das mãos de Bakunin e de seus colegas.

[9] WOODCOCK, 1962; HOROWITZ, 1964; JOLL, 1964; e MARSHALL, 1993.

[10] A verdadeira citação de *What is Poverty?* (*O que é Pobreza?*) é "Um homem busca justiça na igualdade, então a sociedade busca ordem na anarquia", *apud* BERMAN, 1972. Os grafiteiros têm lindamente simbolizado o slogan como o famoso "círculo-A" (Ⓐ).

atribuída a William Godwin. Para esse autor, as leis desencorajam respostas criativas a problemas sociais, primeiro, porque reduzem experiências humanas a uma medida geral e, segundo, porque destinam o pensamento humano a uma condição fixa, impedindo, assim, aperfeiçoamentos. Godwin[11] vê a coerção como uma injustiça, incapaz de convencer ou conciliar aqueles contra os quais é empregue. A coerção, expressa na lei e na punição, ensina apenas que se deve submeter à força e concordar em ser dirigido não "pelas convicções do seu entendimento, mas pela parte mais vil de sua natureza, o medo da dor pessoal e um temor compulsório da injustiça de outros".[12] O caminho para a virtude, segundo Godwin, não está na submissão à coerção, mas somente na resistência a ela. No lugar da punição, por ele considerada prova de profunda falta de imaginação, advoga remover as causas do crime (governo e propriedade) e "despertar a mente" pela educação.

O próprio Tolstoi, anarquista pacifista, desenvolveu as seguintes reflexões: "Leis são demandas para executar certas regras; e compelir algumas pessoas a obedecer a certas regras (isto é, fazer aquilo que as pessoas querem delas) só pode ser conseguido por golpes, pela privação da liberdade e pelo assassinato. Se existem leis, deve existir a força que pode compelir pessoas a obedecê-las".[13] Para Tolstoi, a base da legislação não se encontra em noções incertas, como direitos ou a "vontade do povo", mas na capacidade de controlar a *violência organizada*, no poder coercivo do Estado. Leis representam a aptidão daqueles que estão no poder de usar a violência para lhes efetivar práticas lucrativas.[14]

Os Novos Mundos do Anarquismo

Desde o começo da década de 90, o anarquismo como força política consciente vem sofrendo extraordinário ressurgimento. Transformações econômicas globais, juntamente com desordens sociais e crises ecológicas, estimularam a redescoberta do anarquismo por pessoas que buscam alternativas ao capitalismo e ao comunismo. Simultaneamente, o colapso do capitalismo de Estado na União Soviética e o deslocamento de partidos social-democratas ocidentais para a direita desacreditaram o socialismo como alternativa ao capitalismo neoliberal. Com a esquerda política desbaratada, o anarquismo representa para muitos uma alternativa tanto à democracia liberal quanto ao marxismo.

Anarquistas contemporâneos mantêm um comprometimento com objetivos anarquistas históricos de criar uma sociedade sem governo, Estado e propriedade privada dos meios de produção, na qual as pessoas se associem voluntariamente. De fato, a definição de *anarquismo* apresentada por anarquistas em encontros recentes ressalta a abrangência de sua concepção de liberdade:

> sociedade autogovernada na qual pessoas organizam-se de baixo para cima em uma base igualitária; as decisões são tomadas por aqueles afetados por elas; com controle democrático direto dos locais de trabalho, escolas, bairros, cidades e biorregiões com coordenação entre grupos diferentes conforme necessário. Um mundo em que mulheres e homens são livres e iguais e todos nós temos poder sobre nossas próprias vidas, corpos e sexualidade, em que celebramos e vivemos equilibradamente com a terra e valorizamos a diversidade de culturas, raças e orientações sexuais; em que trabalhamos e vivemos juntos em cooperação.[15]

Os anarquistas vislumbram uma sociedade apoiada na autonomia, na auto-organização e federação voluntária, em contraposição ao "Estado, como determinado corpo planejado para manter um esquema compulsório de ordem legal".[16] Anarquistas contemporâneos canalizam muito de seus esforços para transformar a vida cotidiana por meio do desenvolvimento de relacionamentos e organizações sociais alternativas. Não se contentam em esperar por reformas iniciadas pela elite ou por utopias "pós-revolucionárias" futuras. Liberdades sociais e individuais devem ser expandidas nos dias de hoje.

[11] GODWIN, 1977, p. 120.
[12] *Ibid*., p. 121-122.
[13] TOLSTOI, 1977, p. 117.
[14] *Ibid*.
[15] ACTIVE RESISTANCE, 1996.
[16] MARSHALL, 1993, p. 12.

Para dar vida às suas idéias, os anarquistas criam exemplos que funcionam. Tomando emprestado uma antiga frase sindicalista, eles estão "formando a estrutura do novo mundo no casco do velho".[17] Tais experiências de vida, popularmente denominadas de FVM ("faça você mesmo"), são os meios pelos quais anarquistas contemporâneos retiram o seu consentimento de estruturas autoritárias e começam a se engajar em outros relacionamentos. O FVM libera contraforças fundadas em noções de *autonomia* e *auto-organização* como princípios motivadores, contra os discursos políticos e culturais normativos do neoliberalismo. Os anarquistas criam espaços autônomos, que não dizem respeito ao acesso ao Estado, e sim à recusa das formas desse acesso (nacionalismo etc.).

Na vanguarda do FVM contemporâneo estão as *zonas autônomas* ou centros comunitários apoiados em princípios anarquistas, que fornecem refeições, roupas e abrigo aos necessitados. Esses lugares, às vezes (mas nem sempre) assentamentos, destinam-se ao encontro para a exploração e o aprendizado de histórias e tradições antiautoritárias. O auto-aprendizado revela-se um aspecto importante da política anarquista e as zonas autônomas são fundamentais como locais para a requalificação. O FVM e a democracia participativa são relevantes precisamente por encorajarem os processos de aprendizado e independência, necessários a comunidades auto-estabelecidas.

As zonas autônomas são lugares voltados a formas bem diversas e complexas de atividades. O Trumbellplex, em Detroit, é um exemplo interessante. Alojado, ironicamente, na casa abandonada de um industrial do início do século, o Teatro Trumbell serve de espaço cooperativo de convivência, abrigo temporário, cozinha e biblioteca. Uma de suas dependências foi convertida em teatro para anarquistas visitantes, bandas punks e grupos performáticos, como o Bindlestiff Circus.[18]

Os anarquistas procuram fazer dessas zonas autônomas partes valorizadas dos bairros em que estão localizadas. São realizadas tentativas de abordar residentes locais com escolas gratuitas, refeições comunitárias, troca de roupas e mesas de bens gratuitos. A visão mais ampla inclui estender esses espaços autônomos a um número cada vez maior de bairros, na medida em que os recursos e condições o permitam.

A ênfase na ação direta e no FVM também fez surgir ativistas utilizando filmadoras em lutas sociais para documentar importantes eventos ou observar a polícia para provar o que de fato acontece numa manifestação ou greve. O ativismo de vídeo serve de alternativa à confiança na mídia corporativa para a cobertura de eventos ou disseminação de informação. Agressões aos anarquistas e práticas racistas da polícia em comunidades familiares levaram à formação do *copwatch* (vigilância sobre a polícia), que se vale de filmadoras para seguir os passos dessa corporação nas manifestações e desencorajar-lhe o uso da força. A agressão perpetrada sobre anarquistas além da visão da mídia *mainstream* demonstra a significância dessa forma de documentação. O fato de muitas ações e prisões policiais em manifestações antiglobalização terem sido dirigidas contra ativistas que filmam e contra centros de mídia independente prova que as autoridades também reconhecem o valor da testemunha em vídeo.

O anarquismo também desenvolveu presença ativa na internet. O principal espaço para o intercâmbio direto entre anarquistas é o A-infos, serviço internacional anarquista de notícias diárias, em diversas línguas, produzido por grupos ativistas incansáveis, em cinco países. O trabalho é realizado por voluntários no seu tempo livre, freqüentemente com equipamentos emprestados ou reutilizados. Mas o meio mais notável para a distribuição de informação continua sendo a vigorosa imprensa anarquista. Publicações antigas incluem *Freedom*, *Fifth Estate*, *Anarchy* e *Kick it Over*. Em nível local, fanzines FVM, como *The Match*, *Demolition Derby* e *Sabcat* mantêm o pensamento anarquista vivo, ao mes-

[17] Essa frase encontra-se no preâmbulo à Constituição dos Trabalhadores Industriais do Mundo (TIM).

[18] Bindlestiff é o nome dado a trabalhadores itinerantes que viajavam pelo interior à procura de trabalho. Reviver a fraseologia histórica é uma prática típica de anarquistas contemporâneos, que têm profunda apreciação por aqueles que já se foram.

mo tempo em que expandem a gama de políticas anarquistas para incluir novos participantes.

A cultura de consumo também é atacada e subvertida de várias maneiras: exposição do fetichismo por mercadorias, resistência ao desenvolvimento capitalista, ocupação de lugares de consumo como shopping centers, boicotes ou organização de dias de "roube alguma coisa" e mais a produção e a troca do "faça você mesmo" fora de mercados capitalistas. Atividades *underground* também podem ser desenvolvidas, como o grafite, o vandalismo de outdoors ou a sabotagem.

Culturas de Transferência Anarquistas

Tomados em seu conjunto, esses são os blocos construtivos do que Howard Ehrlich se refere como *cultura de transferência anarquista*, uma aproximação da sociedade futura no presente. As culturas de transferência anarquistas são tentativas, por parte desses ativistas, de atingir os requerimentos básicos da construção de comunidades sustentáveis.

> Uma cultura de transferência é aquele aglomerado de idéias e práticas que levam as pessoas a fazer a viagem da sociedade aqui para a sociedade lá no futuro… Como parte da sabedoria aceita dessa cultura de transferência, entendemos que nunca poderemos alcançar algo que vá além da própria cultura. É possível, realmente, que esteja na própria natureza da anarquia a construção permanente de uma nova sociedade no interior de qualquer que seja a sociedade que nos encontremos.[19]

Nos seus esforços para construir culturas de transferência anarquistas, ativistas freqüentemente chegam a ocupar posições de marginalidade. Essa situação surge, em parte, da determinação dos anarquistas de se sustentarem fora do mercado de trabalho capitalista. Seu sustento resulta de atividades como performances, venda de comida ou artesanato e jornalismo *freelance*. Ademais, existem aqueles que vivem clandestinamente em assentamentos ou *dumpster-diving* (mergulho em lixeiras).[20]

> Reduzir a dependência do local de trabalho capitalista significa retirar-se da cultura orientada pelo consumo, reduzindo as necessidades econômicas, desenvolvendo instituições alternativas e construindo uma rede econômica alternativa.
>
> A vida comunitária, a troca de trabalho, recursos e habilidades, bancos de tempo e de trabalho, créditos de terra, fundos populares e até mesmo um sistema monetário alternativo são todos parte do programa econômico para uma cultura de transferência.[21]

Muitos anarquistas tentam livrar-se de práticas de integração social, ao passo que outros acabam violentamente expulsos. Isso encoraja ainda mais a construção da autonomia tida como necessária ao desenvolvimento da anarquia. "Somos 'marginais' em parte porque não somos parte das principais instituições ou das práticas culturais de nossa sociedade, mas também porque vivemos no limiar entre a sociedade existente e a nova sociedade. Vivemos nossa vida e construímos nossas alternativas nesse limiar."[22]

Nesse sentido, as zonas autônomas anarquistas constituem locais-limites, espaços de transformação e passagem. São importantes centros educacionais, em que os anarquistas se preparam para as novas formas de relacionamento essenciais à quebra das estruturas autoritárias e hierárquicas. Os participantes também aprendem tarefas diversas e habilidades interpessoais variadas necessárias ao trabalho e à vida coletivos. Esse compartilhamento de habilidades serve para desestimular o surgimento de elites do conhecimento e incentivar o compartilhamento de todos os trabalhos, até os menos desejáveis, mas indispensáveis à manutenção social.

Os anarquistas encaram seus esforços como uma maneira de abrir caminho para substituir o Estado e o capital por federações descentralizadas. Reivindicam a construção de um espaço em volta das fronteiras de regiões ecológicas – em contraposição aos limites dos Estados nação, que só lhes mostram desprezo –, marcadas pela topografia, pelo clima, pela distribuição das espé-

[19] EHRLICH, 1996, p. 329.

[20] Como o próprio nome sugere, *dumpster-diving* envolve buscar em latas-de-lixo qualquer coisa que se possa utilizar, de eletrodomésticos e móveis a roupa e comida. Os anarquistas são bastante habilidosos e inventivos quando se trata de reutilizar o que sobra ou é recusado pela sociedade descartável.

[21] EHRLICH, 1996, p. 346.

[22] *Ibid*., p. 349.

cies ou drenagem. A afinidade com temas biorregionalistas é reconhecida nos apelos pela substituição dos Estados nação por comunidades biorregionais. Para os autonomistas, tais comunidades podem estabelecer relações sociais articuladas com necessidades ecológicas locais, em vez das interferências burocráticas e hierárquicas de entidades corporativas distantes. A comunidade local torna-se o contexto construído da identificação social/ecológica. O "bairro" reaparece como contexto no qual pode se esperar que uma política vibrante tenha êxito.

Os anarquistas estimulam o aprofundamento das idéias e conceitos como remédio para ampliar o conhecimento anônimo e desengajado, que acreditam ser endêmico às condições da chamada pós-modernidade. Isso não significa, entretanto, isolamento ou insulamento. Ao contrário, diz respeito a relações sociais, locais ou federadas, organizadas de maneira descentralizada partindo da base. A reconstrução comunitária em torno do regionalismo interconectado é vista como não hierárquica, já que nenhuma região pode alegar predominância sobre outras, sob pretextos ecológicos.[23]

Esse novo radicalismo vive fora do Estado e organiza-se em direção à autodependência. Os participantes são estimulados a identificar problemas locais e a ampliar e unir ações FVM individuais, como salvar um parque ou limpar um terreno abandonado, com as quais já estão envolvidos. As pessoas são instigadas a trabalhar para defender essas áreas por meio de práticas industriais e agrárias, desenvolvidas e adaptadas a características ecológicas específicas. Antecipa-se entre os ativistas que, para preparar a ruptura com a ordem capitalista global, há necessidade de alguma reintegração da produção com o consumo local, de modo que membros de uma comunidade contribuam para a sua manutenção. O cultivo e o compartilhamento de habilidades contribui para o sentido de auto-suficiência e controle pessoal, permitindo vários graus de autonomia de regimes mais amplos de poder.

[23] Cf. PURCHASE, 1994.

A Criminalização da Divergência

Essas atividades autovalorizadoras do anarquismo impõem um processo contraditório freqüentemente temporário e passageiro, especialmente diante da vigilância estatal e da violência direta. Espreitando, na paisagem de zonas autônomas, estão "aqueles que rejeitam a idéia de que pessoas deveriam ser livres para seguir seus sentimentos e se expressar por meio de novos estilos de vida".[24] Os Estados não reagem bondosamente a esforços para minar o seu poder e a sua autoridade. "Como dizia Malatesta, você tenta fazer a sua coisa e eles intervêm, e aí você é o culpado pela luta que acontece."[25]

Centenas de ativistas foram presos simplesmente por se envolver com grupos anarquistas. Ademais, foram espancados, atacados com spray de pimenta e gás. Durante manifestações recentes ocorridas em Papua-Nova Guiné e, com maior destaque, em Gênova, na Itália, foram mortos pela polícia e por militares. Esses eventos horríveis deixam claro o relacionamento do Estado com regimes de governo neoliberais. As ações da polícia e das autoridades militares servem de lembrete de que a dominação direta ainda é um aspecto do governo na era global. Aqueles que tentam operar fora das esferas circunscritas da ação "legítima" ou da política "normal" ficam sujeitos à supressão e à violência, incluindo a morte.

Conclusão

Em resposta criativa, os anarquistas defendem o pluralismo e a diversidade nas relações sociais, estimulando a experimentação no viver e desdenhando a censura. Não acreditam na possibilidade de uma resposta "correta" a perguntas de autoridade e poder; por isso, incentivam as pessoas a encontrar alternativas múltiplas, considerando as condições específicas com as quais se confrontam. Assim, os anarquistas de hoje se identificam de maneira variada como punks, ativistas dos direitos dos animais, sindicalistas, ecologistas sociais ou neoprimitivos, "armando seus desejos"[26] por meio da colagem, do veganismo,[27] da

[24] HETHERINGTON, 1992, p. 96.
[25] GOODMAN *apud* WARD, 1973, p. 142.
[26] A revista *Anarchy* identifica-se como "Publicação de Desejo Armado".
[27] Nota do Tradutor: os vegans (*veegn*), além de não se alimentarem de nenhum tipo de carne, não ingerem nem utilizam nenhum derivado animal.

"música barulho", da polissexualidade e da "desobediência civil eletrônica". Como sempre, oferecem alternativa a formas autoritárias de organização social, tanto capitalista quanto socialista.

Talvez, como argumenta Colin Ward, a anarquia esteja sempre aqui, "uma semente debaixo da neve, enterrada debaixo do peso do Estado e de sua burocracia, do capitalismo e de seu desperdício, do privilégio e de suas injustiças, do nacionalismo e de suas lealdades suicidas".[28] Ward vê o anarquismo não como "uma visão especulativa de sociedade futura", mas uma "descrição de um modo de organização humana enraizada na experiência da vida cotidiana, que opera lado a lado com e apesar das tendências autoritárias dominantes de nossa sociedade".[29]

Para Paul Goodman, autor americano cujos trabalhos influenciaram a contracultura e a nova esquerda da década de 60, os projetos anarquistas representam atos necessários para "estabelecer um limite" contra forças autoritárias e opressivas em nossa sociedade. O anarquismo, na visão desse autor, nunca foi exclusivamente orientado para um futuro glorioso, mas também envolveu a preservação de liberdades passadas e tradições libertárias prévias de interação social. "Uma sociedade livre não pode ser a substituição da velha ordem por uma 'nova ordem'; é a extensão de esferas da ação livre até que elas se tornem a maior parte da vida social."[30] O pensamento utópico sempre será importante, diz Goodman, de modo a abrir a imaginação a novas possibilidades sociais, mas o anarquista contemporâneo precisa também ser um conservador das tendências benevolentes da sociedade.

Como sugerem muitos trabalhos anarquistas recentes, o potencial para a resistência pode ser encontrado em qualquer lugar na vida cotidiana.[31] Se o poder é exercido em toda a parte, a resistência a ele pode surgir também em todo lugar. Anarquistas contemporâneos defendem que um olhar pela paisagem da sociedade contemporânea revela muitos grupos anarquistas na prática, ainda que não em ideologia.

> Exemplos incluem pequenos grupos sem líderes desenvolvidos por feministas radicais, cooperativas, clínicas, redes de aprendizado, associações de mídia, organizações de ações diretas, grupos espontâneos em resposta a desastres, greves, revoluções e emergências, creches controladas pela comunidade, associações de bairro, organizações de inquilinos e de locais de trabalho, e assim por diante.[32]

Ainda que, obviamente, esses não sejam grupos explicitamente anarquistas, freqüentemente fornecem exemplos de ajuda mútua e de formas de viver não-hierárquicas e não-autoritárias, que carregam a memória do anarquismo entre elas. São esses modos de vida que criam as possibilidades de relações sociais pacíficas.

[28] WARD, 1973, p. 11.
[29] *Ibid*., p. 11.
[30] GOODMAN *apud* MARSHALL, 1993, p. 598.
[31] Cf. WARD, 1973; GOODMAN, 1979; e EHRLICH, 1996.
[32] *Ibid*., 1996, p. 18.

Referências Bibliográficas

ACTIVE Resistance. *Convention Pamphlet*. Chicago: A-Zone, 1996.

BERMAN, P. (ed.). *Quotations from the Anarchists*. New York: Praeger, 1972.

BOOKCHIN, M. *Social Anarchism and Lifestyle Anarchism: an unbridgeable chasm*. Edinburgh: AK Press, 1995.

EHRLICH, H.J. *Reinventing Anarchy, Again*. (ed.). Edinburgh: AK Press, 1996.

GODWIN, W. "On Punishment." In: WOODCOCK, G. (ed.). *The Anarchist Reader*. Glasgow: Fontana, p. 118-124, 1977.

GOODMAN, P. *Drawing the Line*. New York: E.P. Dutton, 1979.

HETHERINGTON, K. "The contemporary significance of schmalenbach's concept of the bund." *The Sociological Review*, p. 1-25, 1994.

_____. "Stonehenge and its festival: spaces of consumption". In: SHIELDS, R. (ed.). *Lifestyle Shopping: the subject of consumption*. London: Routledge, p. 83-98, 1992.

HOROWITZ, I.L (ed.). *The Anarchists*. New York: Dell, 1964.

JOLL, J. *The Anarchists*. New York: Grosset and Dunlap, 1964.

KORNEGGER, P. "Anarchism: the feminist connection." In: EHRLICH, H.J. (ed.). *Reinventing Anarchy, Again*. Edinburgh: AK Press, p. 156-168, 1996.

MAFFESOLI, M. *The Time of the Tribes: the decline of individualism in mass society*. London: Sage, 1996.

MARSHALL, P. *Demanding the Impossible: a history of anarchism*. London: Fontana Press, 1993.

MARX, K. *The Poverty of Philosophy*. New York: International Publishers, 1963.

MARX, K. & ENGELS, F. *The German Ideology*. London: Lawrence and Wishart, 1970.

PROUDHON, P.-J. *Selected Writings of Pierre-Joseph Proudhon*. Garden City: Anchor Books, 1969.

PURCHASE, G. *Anarchism and Environmental Survival*. Tucson: See Sharp Press, 1994.

TOLSTOI, L. "The violence of laws." In: WOODCOCK, G. (ed.). *The Anarchist Reader*. Glasgow: Fontana, p. 117-118, 1977.

WARD, C. *Anarchy in Action*. New York: Harper Torchbooks, 1973.

WOODCOCK, G. *Anarchism: a history of libertarian ideas and movements*. New York: World Publishing, 1962.

Dados do autor

Ph.D., Sociology; Master of Arts, Sociology (University of Windsor/CA), Post-Baccalaureate Diploma Social Policy Issues (Simon Fraser University/Burnaby, Colúmbia Britânica/CA).

Recebido: 16/abr./04
Consultoria: 19/abr./04 a 28/maio/04
Aprovado: 28/maio/04